



Jornalismo Narrativo contemporâneo e territórios imaginários: fundamentos de representação sócio-político, vivências e interculturalidade

Guilherme Silva da Cruz

guilhermecruzz@live.com

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

Brasil



RESUMO

Uma parcela do jornalismo latino-americano, atualmente, está provido de características que contradizem a produção diária, corporativa e massiva intermediada por muitos meios de comunicação na nossa região. Uma rede de jornalistas, revistas e blogs demarcam um feitiço analítico de representação social, de reflexão e aprofundamento poético-político por meio do jornalismo narrativo. Aponta-se não uma categorização unilateral que abarca uma configuração da totalidade de um grupo, mas sim uma conexão multifacetada enquanto maneiras de lançar luz para outras histórias, outros conhecimentos e vivências, refletindo *encubrimientos* políticos e sociais. Por meio desse modelo de narrativa ressurgem uma preocupação político-cultural, por uma vertente do jornalismo, que contribui com novas representações para a memória coletiva, e ao imaginário de um período mergulhado no dinamismo identitário. Entretanto, tal rede, ainda não consegue diminuir barreiras no seu alcance e também não transcende a força do jornalismo hegemônico, porém se mostra como uma alternativa viável para resoluções enquanto pluralidade e democratização da comunicação. Toma-se um olhar analítico na produção textual que versa com o momento contemporâneo de crises representacionais, atrelada as construções sobre a política na região, como as conquistas liberais, os avanços populistas e progressistas, os erros e condução judicial, as batalhas eleitoreiras, o avanço conservador, a violência policial, as más resoluções das ditaduras, entre tantos acontecimentos, que apontam um mapeamento visualizado pelas reportagens dessa rede. A fortificação da possibilidade de outra narrativa, assegura a relevância de um texto jornalístico com pautas e recortes que dinamizam o território simbólico latino-americano. Os jornalistas, revistas e projetos digitais que compõem esse conjunto desenharam, por um olhar intercultural, a reflexão da vivência política da América Latina.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

Nowadays, a portion of Latin American journalism is based on characteristics that contradict the corporative and massive daily news production, mediated by many of the region's mainstream vehicles. A network of journalists, magazines and blogs are demarcating an analytical form of social representation, reflection and poetic-political depth through journalistic narratives. Instead of pointing out an unilateral categorization, which could encompass the whole configuration of a group, there is a multifaceted connection regarding storytelling and how other stories, experiences and knowledges are put into focus, while reflecting on political and socially constructed cover ups. Through this narrative, a political and cultural concern reappears, with a journalistic strand that contributes to new representations on collective memory and to an imaginary dived into identity dynamism. Nonetheless, even such network struggles to diminish the barriers of their own reach and cannot transcend the power of hegemonic journalism. Still, these journalistic endeavors are proving themselves as a viable alternative for solutions, regarding plurality and media democratization. An analytical view on the textual production versing with the contemporary moment of representation crisis is taken here, attached to the constructions about politics at the region, such as liberal achievements, populist and progressive advances, errors and legal conducts, the electoral battles, the conservative advance, police violence, the poorly sorted out outcomes of the dictatorships' regimes, among many other events, that are shown at the map designed by the articles and chronicles written by such network. The reinforcement on the possibility of another narrative, asserts the relevance of a journalistic text with subjects and frames, that invigorate the symbolical Latin American territory. The journalists, magazines and digital projects that compose that group draw, for a glance intercultural, the reflection of the political existence of Latin America.

Palavras-chaves

Jornalismo narrativo; identidade; representação simbólica.

Keywords

Narrative journalism; identity; symbolic representation.

I. Introducción

Na encruzilhada do jornalismo narrativo percebe-se um sistema de intercâmbio desde sua matéria-prima, formatada por palavras e pessoas, como fonte de confrontos representacionais de um momento político instável, de intermediação e profundidade. Embates discursivos de problematizar as inúmeras questões transpassadas pelas representações sociais associadas aos questionamentos e linhas subjetivas de análise desse momento na América Latina. E inclusive estão contidas nos enfrentamentos de manutenção ou quebra de estereótipos dos mecanismos que visam coibir, controlar e conservar privilégios. Tensões, na maneira de direcionar enquadramentos de falas e cortes visuais para a diluição dos discursos envolvidos. Uma via contrapontada por jornalistas, e demais sujeitos envolvidos que conduzem o jornalismo como referência e suporte para o registro de momentos históricos.

A narrativa, conceituada por Walter Benjamin (1987), possuiu o olhar e a experiência como fatores conexos à formação de fenômenos qualificados como narrativos. Nessa visão, o narrador *de dentro* e *de fora* são atingidos por uma “utilidade” de saber aconselhar, ou seja, nos auxiliar a compreender os mundos *de dentro* e *de fora*. Entretanto, Benjamin considerava a extinção do narrador como algo palpável, principalmente ao mirar o jornalismo da época: “Basta olharmos um jornal para percebermos que seu nível está mais baixo que nunca, e que da noite para o dia não somente a imagem do mundo exterior mas também a do mundo ético sofreram transformações” (1987, p. 198). Essa análise do autor conjuga a informação, o fato, a notícia como potenciadores do declínio da potência narrativa e das vivências.

Perceber a narração atualmente, no marco da América Latina, é diagnosticar uma vertente reveladora sobre potencialidades comunicacionais e inventivas desde *crônicas* espalhadas por livros, sites, revistas e *blogs*. O jornalismo narrativo latino-americano, contrariando Benjamin (e o mercado comunicacional), *contrapuntea* a compreensão dos mundos *de dentro* e *de fora* dos marcos institucionalizados do cenário político atual.

Esse trabalho embrionário, gestado dentro do Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL), através da dissertação em curso denominada

Narrativas do poder na América Latina: Representação política e do poder nas crônicas do jornalismo narrativo, apresenta alguns temas que orbitam em *crônicas* e cronistas na ação fundante de conexões interculturais, enquanto maneiras de lançar luz para outras histórias, outras sabedorias e refletindo *encubrimientos* políticos e sociais. Desse modo, a articulação político-poético de produção e consumo cultural contribui com representações diversificadas ao imaginário social e memória coletiva de um período mergulhado no dinamismo identitário.

II. Desarrollo: marco teórico conceptual, metodología

A narratologia diagnóstica que um texto narrativo é aquele que um agente relata uma narração constituído de um sistema composto de história, fábula, acontecimentos, tempo, lugar e atores (Bal, 2009). Tzvetan Todorov (2008) mostra que as estruturas dessas narrativas se constituem na tensão entre as mudanças de um acontecimento – “a interminável narrativa da ‘vida’” (p. 21) – e o caos da organização de um sentido e ordem desse encontro. Uma identificação inserida pelo teórico búlgaro que alinha à negação de uma narrativa natural, dada e própria. Complementa Todorov que: “toda narrativa é uma escolha e uma construção; é um discurso e não uma série de acontecimentos.” (p. 108). Uma noção que insere decisivamente a compreensão hegemônica de controle, manipulação e distorção de inúmeros discursos do poder. Seguindo nessa ótica estruturalista, Roland Barthes (2013) aproxima os fios narrativos como um encadeamento de estágios – “ler (escutar) uma narrativa não é somente passar de uma palavra a outra, é também passar de um nível a outro” (p. 27). Pelas óticas estruturais, analíticas, teóricas e críticas constata-se a narração como o novo que desenrola os dias, e que fornece sentido à resoluções do passado e futuro.

Ao jornalismo, cabe uma leitura à narrativa na opção colocada nesse trabalho de reafirmar uma união de elementos que se distanciaram. No jornalismo narrativo encontramos distintas formas de denominar essa união, como o *nuevo periodismo*, jornalismo literário, literatura de não-ficção, reportagem ou ainda como *otro nuevo periodismo*. Parte-se dessa ideia de união, na utilização do termo jornalismo narrativo, pelo pressuposto que abarca não somente uma faixa temporal, estilo ou uma marcação de um fenômeno editorial. Coloca-se abaixo da assinatura dessa modalidade de



escrita, portanto, a opção de uma aproximação que engendra *prática, vivência e técnica*. Prática de uma pré-produção aprofundada, de pesquisas complexas, de análises e formações díspares e conectadas à multiplicidade identitária da leitura de um tempo; vivência na condição do ser narrador, não mais, nem menos que ser jornalista, mas um entendimento que desvincula qualquer carga estigmatizada do setor; e técnica por uma especialização na escrita de grande fôlego, e nas formas de propor experiências ao leitor, principalmente, por meio de *crônicas*.

O narrador, nessa mirada, está constituído por jogos de poder e de linguagem, de formação criativa buscando efeitos do real e de sentido que aniquilam o distanciamento do fato e discutem as suas estratégias, intencionalidades, subjetividades, criação e mediação (Motta, 2013, p. 91-92). Esse olhar sobre o narrador que Luiz Gonzaga Motta (2013) formata traz uma narrativa jornalística como tempo-presente na elaboração de sujeitos contemporâneos. Ser interlocutor nesse espaço concebe uma relação atípica e desvinculada de padrões e exigências da linguagem, das concepções de poder e de modelo de produção padronizado da escrita jornalística.

Mesmo a narrativa jornalística, por mais que se pretenda isenta e imparcial, é também fortemente determinada por um modelo consuetudinário ético. Os jornalistas só destacam certos fatos da realidade como notícia porque esses fatos transgridem algum preceito jurídico, ético ou moral, algum consenso cultural. A notícia representa sempre uma ruptura em relação a algum significado estável. Nenhuma notícia está nas páginas e telas sem que haja uma razão ética ou moral que justifique o seu relato. Esse imaginário ético e moral, que surge cada vez mais nítido no transcurso dos movimentos de análise antes sugeridos (...) É de ordem ética, moral ou filosófica, ainda que também possa ter aspectos políticos, religiosos, psicológicos ou ideológicos. É o pano de fundo sobre o qual se desenvolve o conjunto de sequência ou enredo a respeito de determinado assunto. (Motta, p. 206, 2013)

A potência da *crônica*, nesse espaço metodológico, se ajusta sobre os meandros elaborados a partir da narração. Intensifica e aprofunda a constituição formativa, desconecta seus íntimos vínculos ao enlace da função social da comunicação. Ligam-se, portanto, por um processo histórico, o estranhamento de sujeitos com uma percepção de enraizamento descontínuo numa forma de escrita que mescla gêneros e linguagens. Assim, é possível compreender o desenvolvimento e criação em paralelo de sujeitos políticos com a "invenção" e apropriação da palavra – como também a sua articulação inventiva via *palavra poética*. Movimentos que fazem analogia à luta de um



sujeito contemporâneo com as fontes governamentais e estatais que lhes incluem e exploram de maneira conjunta e continuamente – seja fisicamente, ou subjetivamente – por conta de dialetos jurídicos, tributários e setorizados que inserem a palavra como elemento diferenciador e excludente.

O engate político do jornalismo narrativo latino-americano faz parte de uma tradição, segundo autoras como Susana Rotker (1992) e Mónica Bernabé (2006), que remetem fases históricas como o embrião cronista no exercício de escrita e produção dos chamados *Cronistas de las Indias*, no século XVI, passando por uma fase Modernista no século XIX, e chegando ao século XX para sua afirmação através de autores como Rodolfo Walsh (1927 - 1977) e Gabriel Garcia Márquez (1927 - 2014). Para que então, alcançar no século XXI uma maturação de estilo e posicionamento, por conta da revigoração trazida por projetos digitais e editoriais de revistas como *Anfibia* (Argentina), *Etiqueta Negra* (Peru), *Piauí* (Brasil), *Gatopardo* (México), *Kurtural* (Paraguay) e *El Malpensante* (Colômbia). A concepção desse marco diverso na América Latina é impulsionado por nomes como Leila Guerriero, Martín Caparrós, Graciela Mochkofsky, Alberto Salcedo Ramos, Juan Villoro, Josefina Licitra, Gabriela Wiener, Cristina Tardáguila entre outros.

III. Análisis y discusión de datos

Nessa fase da pesquisa pretende-se somente indicar o valor das narrativas e leituras de quem desenvolve a *crónica* na região, pois sua potencialidade promove uma ação verbalizada que conjuga a formação expansiva de momentos tensionados contemporâneos, entre relatos sociais e atemporais para plantar histórias e colher imaginários. Por conseguinte, o testemunho das consequências neoliberais (Callegaro, Lago, 2010), de vidas invisibilizadas, de ideias oprimidas, de ações desqualificadas pela grande mídia tornam-se pluma para encontrar a intermediação entre a técnica narrativa, a notícia e a realidade, onde “se narra algo, al propio tiempo que se juzga” (Puerta, 2011, p. 56). A imediatez não é *dead line* imposta, a rapidez dos fatos não desestabiliza a forma, porém essas características não desqualificam a sua atualidade, nem a concepção característica do jornalismo narrativo. Recordar-se que esse trabalho não visualiza um fenômeno uno e coeso, mas reafirma uma multiplicidade, no qual a *crónica* e sua constituição densificada possuiu entre seus elementos de reelaboração do objeto factual do jornalismo diário, a inserção do elemento da dúvida



na produção e escrita, utilização de recursos literários e sociológicos, e a propagação de um discurso que renega a objetividade fazem que esse tipo de escrita alcance uma trajetória histórica singular.

Para referir la vida cotidiana de la gente común, y de los sectores marginados, así como la puesta en escena de prácticas de supervivencia y lucha de dichos sectores, estos jóvenes cronistas eligen un registro más cercano a lo literario que a lo periodístico. De ese modo, la subjetividad del enunciador-cronista-narrador tiñe descripciones y acontecimientos o bien da paso a la subjetividad de los protagonistas y actores de dichas historias, mediante la elección de puntos de vista múltiples que lejos de distanciarse de los acontecimientos, buscan poner de relieve la presencia de un enunciador periodístico involucrado afectivamente con lo narrado. Así, las estrategias de objetividad dan paso a técnicas de funcionalización que hacen emerger la subjetividad aún en el uso de la tercera persona. Tampoco presentan historias totalizadoras ni cerradas. Por el contrario, importan por el detalle, materializado en fragmentos narrativos que operan como metonimia emocional. (CALLEGARO, LAGO, p.247, 2012)

Portanto, alimentar a *palavra* em sua *poética* e valor *político* da comunicação é fortalecer os laços instáveis do elemento factual. Força de atuação que coloca em xeque os elementos hegemônicos da comunicação e problematiza a configuração do Estado-nação.

O que se narra é ação intrínseca do real? Pois, é no jogo incerto, na possibilidade da dúvida, no interstício dos elementos chaves da comunicação hegemônica que a *crônica* se mostra pró-ativa ao se apresentar com uma palavra fora do “padrão” jornalístico. Coligada à potencialidade da palavra poética que se relaciona de acordo à escritura e expõe múltiplos significados (Roctker, 1992, p. 227). Formações discursivas que irão amalgamar as relações de poder, um discurso que “forma parte constitutiva de esa trama de violencia, de control y de lucha que constituye la práctica del poder” (Barbero, 2002, p. 70). Ações políticas da palavra, de seus agentes de criação e dos registros que são tomados por aberturas provenientes de crises e das dúvidas dos elementos que organizam o controle, e colocam a atuação comunicacional como recurso contemporâneo de problematizações.

A representação política do marco do jornalismo narrativo traça um contraste, e demonstra uma evasão de significados e símbolos, assim como sua pulverização, e averigua uma pluralidade na atuação política e na reconfiguração dos elementos de poder – tidos como tradicionais. Desse modo, o que se visualiza é o entendimento simbólico formado por resoluções concretas e cotidianas de povos e pessoas que buscam existir – seja pela vida concreta, seja pelo embate subjetivo que reiteradamente fortifica invisibilidades de corpos e conhecimentos.



O poder simbólico, dessa maneira, alarga o campo das ideias para as ações de vida e morte. Conjugar o que é “normal”, “natural” e “comum” ao contexto diário de representação na grande mídia provoca a naturalidade de atos de violência racista, sexista, machista e homofóbica. Grupos, pessoas e conhecimentos estão envoltos por movimentos contemporâneos de subjugação, assim como o contexto de ocupações coloniais tardo-modernas, que ocasionam uma sociedade que descarta pessoas massivamente, o que Achille Mbembe (2016) conceitua como *necropolítica*. Portanto, existir torna-se marca da necessidade em reformular nossos “padrões” conceituais e de estereótipos que fundam uma suposta estabilidade comunicacional. Recompôr determinismos simbólicos, ou pelo menos diagnosticar seus paradigmas, que possam avançar sobre questionamentos comunitários de reconhecimento e respeito pelo outro, são necessário. Pois, a investida sobre os elementos simbólicos da produção jornalística é também uma reação pela existência.

A concentração teórica nesse trabalho lança a compreensão em re-pensar o cenário político-cultural da América Latina, alicerçado no dinamismo identitário, na fluidez fronteiriça de nossas formações, e por aparatos de controle que exercem seus mecanismos de reconfiguração social, através de um prisma de produção que se propõe lidar com o complexo cenário de lutas sociais, movimentos urbanos, ações campesinas, atuação de líderes comunitários, e respeito aos povos que historicamente se prostraram limitados à discussão no espaço público da palavra mediadora. Retomar a palavra e falar (e comunicar) são conquistas íntimas que se tornam coletivas para destituir a totalidade e a simplificação do mundo colonial e sua existência social e cultural. Que antes eram bloqueadas pela negação da realidade nacional, por suas relações jurídicas, pela condição periférica, pela usurpação e escravização sistematizada (Fanon, 1979, p. 197). A força simbólica do sistema mundo colonial-moderno, lembramos novamente, fundamentada pela ação física da existência e apagamento via genocídios fica desestabilizada ao contexto de outras formas de representação. Anexado ao valor do jornalismo narrativo nessa discussão, o cenário político latino-americano também carece de uma consolidação da comunicação popular e indígena, bem como transcender experimentações discursivas, expor outras modalidades de narrativas, compreender a necessidade de abertura e diálogo, tal como sua emancipação e importância no espaço público.



IV. Conclusiones

O jornalismo na conjunção de seu histórico, possuiu um presente que congrega memória e subjetividade, estabiliza a leitura de um tempo político alinhado por mudanças e reconfigurações de atores sociais. O envolvimento, e a atuação política tem mostrado práticas – que até então estavam desfocadas pelas dicotomias liberais e por epistemologias eurocêntricas – que reascendem a subjetividade e o comunitário como centro de disputa na região. Uma das representações perante o jornalismo, desse espaço de disputa, é embasado por uma insinuante mediação, via cronistas, da experimentação do real nos sites, blogs e revistas especializados em *crônicas*.

O imaginário contemporâneo sobre atores, práticas e ações políticas é alicerçado em visões institucionalizadas, de uma personalização manipulada e customizada por novas aplicabilidades da globalização, com correntes fortemente alinhadas a apropriações e distinções – como já ocorreu em décadas passadas e que privilegiaram uma manutenção social.

A discussão desse trabalho se mostra inicial, e serve como parte de um diagnóstico que se segue sob o recorte temático de símbolos de poder e controle, assim como de ascensão de sujeitos políticos expostos em diferentes *crônicas latinoamericanas*. A centralidade do debate que se propôs está na exposição de vínculos, teorias e perspectivas introdutórias para que o leitor e leitora possam perceber o contexto midiático de disputa e reconfiguração – principalmente pelo viés do jornalismo narrativo. Dessa maneira, a constituição política e cultural dessa produção é uma, entre tantas outras maneiras, de estruturar bases de transformação e de resistências. Assim como elementos hegemônicos fortificam e pluralizam suas fontes de manutenção e controle, necessita-se reações de *contranarrativas* que possam diversificar os campos de atuação e o recorte sociopolítico. Por isso, a indicação do jornalismo narrativo se complementa com leituras comunicacionais e políticas de grupos subalternizados, porque o que está em jogo é a organicidade ramificada dos discursos de alteridade, das redefinições de territorialidades e cidadanias, dos questionamentos institucionais, das relações socioculturais e afirmações identitárias.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

- Bal, Mieke (2009). *Teoría de la narrativa: Una introducción a la narratología*. 8. ed. Madrid: Cátedra.
- Barbero, J. M (2002). *Oficio de cartógrafo: Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura*. México: FCE.
- Barthes, Roland. et al. (2013). *Análise estrutural da narrativa*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes
- Benjamin, W. (1987). *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense.
- Bernabe, Monica (2006). Prologo. In Cristoff, María Sonia, comp. *Idea Crónica. Literatura de no ficción iberoamericana*. Buenos Aires: Beatriz Viterbo, Fundación TYPa.
- Callegaro, A. & Lago, M. C (2010). *La crónica latinoamericana como espacio de resistencia al periodismo hegemónico*. Recuperado de http://humanidades.unlam.edu.ar/descargas/4_A145.pdf
- _____ (2012). La crónica latinoamericana: cruce entre literatura, periodismo y análisis social. *Quórum Académico*. Vol. 9, Nº 2, julio-diciembre, P. 246 – 262. Universidad del Zulia: Venezuela. Recuperado de <http://rihumso.unlam.edu.ar/index.php/humanidades/article/view/55>
- Fanon, Frantz (1968). *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Mbembe, Achille (2016). Necropolítica. *Arte & Ensaios*. N. 32. UFRJ: Rio de Janeiro. Recuperado de <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>
- Motta, L.G. (2013). *Análise crítica da narrativa*. Brasília: UnB.
- Puerta, Andrés (2011). El periodismo narrativo o una manera de dejar huella de una sociedad en una época. *Anagramas*, Volumen 9, Nº 18, pp. 47-60. Medellín, Colombia. Recuperado de <http://www.scielo.org.co/pdf/angr/v9n18/v9n18a04.pdf>
- Rotker, Susana (1992). *La invención de la crónica*. Buenos Aires: Letra Buena.
- Todorov, Tzvetan (2008). *As estruturas narrativas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva.